

Fotojornalismo e Manipulação Digital: Desafios para o Jornalismo Contemporâneo¹

Tháisa Brandão COMBER²
Fernanda Leite AURELIANO³
Fernando Firmino da SILVA⁴

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de discutir a ética no fotojornalismo, bem como sua relação com a informação e o surgimento da tecnologia digital. Com o advento dos softwares e a facilidade da manipulação, a discussão em torno da veracidade das imagens publicadas pelos meios de comunicação tomou forma. A partir disso será analisada a relação entre tratamento, manipulação e até onde se estende o limite da alteração da imagem no contexto jornalístico tendo-se ilustrações empíricas para a análise do fenômeno. Conclui-se que esse é um desafio para o jornalismo contemporâneo em decorrência da proliferação de imagens, de tecnologias e de aplicativos que permitem intervenções nas imagens que vão além do estético e do melhoramento para publicação.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; manipulação; ética; jornalismo; comunicação.

Introdução

A fotografia foi inserida no jornalismo no século XIX quando ainda era chamada de "daguerreotipia"⁵, como forma de auxiliar os leitores para melhor absorção da informação. Desde a publicação na imprensa da primeira ilustração a partir de uma fotografia – em 1842- que a fidelidade de suas informações é questionada. As primeiras técnicas de impressão e edição eram rudimentares, a técnica utilizada à época, a do

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo-UEPB, email: thaisabrand@gmail.com

³ Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo-UEPB, email: fernandaleite@live.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da UEPB, email: fernando.milanni@gmail.com

⁵ Antigo processo de obtenção de imagens fotográficas por ação do vapor de iodo sobre uma placa de prata sensibilizadora.

colódio úmido⁶, exigia que a revelação fosse subsequente à tomada da imagem, e tornava fotografia e revelação muito demoradas (SOUSA, 2000, p.34). Entretanto, a criação de softwares de edição e diversos meios de manipulação foram emergindo a partir da década de 1980 e, principalmente, a partir de 1990 com a criação do programa Photoshop da Adobe. Portanto, o avanço das tecnologias digitais trouxeram transformações para a fotografia desde a captação com a digitalização das câmeras e dos processos até com os aplicativos de edição em computadores desktops e em dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets* tornando o processo mais avançado e, cada vez mais, de difícil percepção entre o que é real e o que foi manipulado. Deste modo, tem-se uma nova realidade construída digitalmente com a capacidade de inserção de filtros e efeitos que imprimem uma nova concepção com performance artificial.

Duas questões se colocam para problematizar o contexto de manipulação digital dentro da perspectiva jornalística. 1. Qual o limite ético da prática jornalística a partir da introdução dos softwares e recursos de manipulação digital da fotografia? 2. Que desafios o jornalismo ou fotojornalismo encara diante da "hiperrealidade" oriunda da artificialidade de um processo com intervenção digital que afeta a noção do real?

Algumas dessas colocações já foram postas, de algum modo, para pensar esse fenômeno da relação entre o jornalismo e a tecnologia a partir da intervenção imagética. Entretanto, a temática se complexifica na sociedade contemporânea com a multiplicação de dispositivos e de aplicativos que transformam a imagem em outra via filtros como Instagram ou manipulação deliberada. Para o jornalismo esse último aspecto é central e o artigo procura abordar o contexto visando compreender as dinâmicas e tensionamentos no seu entorno. Os problemas que para o fotojornalismo se levantam com as novas tecnologias estão relacionados, portanto, com a forma como a alteração digital das imagens se tornou fácil e de difícil (virtualmente impossível) detecção (SOUSA, 2000, p.214).

Advindo disso, a transformação das imagens dentro do meio jornalístico envolve polêmica quando temos o conceito que o verdadeiro jornalismo deve retratar o recorte da

⁶ Colódio úmido é um antigo processo fotográfico que foi inventado em 1848 pelo inglês Frederick Scott Archer. A técnica consiste em aplicar este colódio ainda líquido em uma placa de metal ou vidro, submergi-la em nitrato de prata e colocá-lo em um dark slide para que seja exposta através da câmera.

realidade dos fatos sem interferência. Os tipos de manipulações da imagem podem condenar a edição de fotografia no jornalismo ou até mesmo auxiliar na disseminação da foto entre a sociedade, como no caso do retoque que veremos mais adiante com o objetivo de evidenciar o objeto inserido na imagem. Porém, a alteração fotográfica onde ocorre a modificação para mudança da mensagem informativa da imagem, como a ocultação ou inserção de objetos ou pessoa, é eticamente condenada dentro do jornalismo justamente por não repassar a informação de forma verdadeira.

Breve contexto do fotojornalismo

É necessário estabelecer um conceito de fotojornalismo e o que ele representa no mundo da informação, tendo em vista que a imagem torna a informação mais dinâmica e atraente para o leitor. Diferentemente do fotodocumentarismo, cujo objetivo é tratar de questões que envolvem a vida humana de uma forma muito mais aprofundada, o fotojornalismo possui um cunho mais ligado ao caráter da informação, da opinião e do esclarecimento.

(...) Entendemos por fotojornalismo a atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar") através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes (SOUSA, 1998, p. 5).

Por ter sido concebida num contexto positivista, a fotografia era inicialmente considerada como um registro objetivo da verdade, uma representação perfeita da realidade, tendo sido aderido nessa condição pela imprensa. Desde o século XIX, quando ainda lhe era atribuído o nome daguerreotipia, a imagem produzida através da fotografia era utilizada de forma informativa, mas sua disseminação era complicada por depender de artistas que as transformasse em gravuras ou ilustrações. Além disso, a visibilidade da fotografia como fonte de informação não era muita, pois as pessoas atribuíam maior credibilidade aos desenhos.

Nos anos 1842 surge a primeira revista ilustrada, a *The Illustrated London*, que em 1860 chegou a atingir uma tiragem de 300 mil exemplares (BORGES, 2014). Mas

apenas em 1904, segundo Oliveira (2010) aparece no jornal diário inglês *Daily Mirror* a primeira publicação ilustrada e desde então a informação começou a sofrer uma revolução, trazendo ao público uma nova maneira de se relacionar com o abordado.

A primeira grande reportagem de guerra a ser fotografada foi a Guerra da Crimeia, os conflitos aconteceram na Península da Criméia, mais especificamente no porto de Sebastopol (FOX, 2003, p.20) e se estendeu de 1853 a 1856 e que consistiu na invasão Russa das províncias turcas sob o pretexto de defender as terras sagradas e expandir o território. Ao reivindicar o território a Turquia, apoiada pela França e Reino Unido, declarou guerra à Rússia. O responsável por documentar esta guerra foi o fotógrafo Roger Fenton, que ficou conhecido como primeiro fotógrafo de guerra, e as gravuras feitas a partir dessas imagens foram publicadas no *The Illustrated London News* e no *II Fotógrafo*. As fotos desse primeiro fotógrafo de guerra não exploravam a tragédia da guerra, porém, observava-se em suas imagens o dia-a-dia dos soldados ingleses, suas ações em atendimentos médicos, auxiliando a população. Para Roger Fenton, sua popularidade pesou para que fosse encarregado de mostrar que, apesar de estarem em uma guerra, os soldados estavam sendo bem atendidos pela Coroa. Com isso, aliviaria o peso das críticas ao governo britânico nesse sentido (SONTAG, 2003, p.43).

A partir daí, os grandes acontecimentos começaram a ser fotografados massivamente, iniciando pela guerra da secessão. Durante esta guerra o fotojornalismo começou a se desenvolver de fato, apesar de todas as dificuldades técnicas para a reprodução da imagem. Noções de autoria, a fotografia verossimilhante e como forma de persuadir ao leitor, o aumento na qualidade das fotos devido à concorrência e o engajamento do fotógrafo no trabalho foram alguns dos aspectos que sofreram mudanças durante a cobertura deste fato.

Ao final do século XX as câmeras começam a se popularizar. A era da fotografia digital se inicia e colabora com a produção em larga escala de fotos, o armazenamento e reprodução destas se tornam cada vez mais fáceis. Neste momento, as redações já haviam um senso mais crítico à respeito do que era publicado, prezando por imagens visivelmente agradáveis, de fácil armazenamento e supostamente instantâneas.

Em 1994 a Kodak, ainda utilizando um corpo de máquina Nikon, em conjunto com a Associates Press, desenvolve a primeira máquina digital

voltada especialmente para fotojornalistas, a Kodak NC2000, com 1.3 megapixels. No ano seguinte, o jornal canadense Vancouver Sun tornou-se o primeiro jornal totalmente baseado em fotos digitais e em 1996, a Associated Press, pela primeira vez na história, cobre um evento totalmente em fotografia digital, foi o Super Bowl XXX, marcando assim uma nova etapa para a fotografia jornalística. (...) A fotografia jornalística entra no século XXI dotada de um extremo potencial técnico na captura de imagens e na velocidade de transmissão e disponibilização. A Internet associada à funcionalidade cada vez maior de computadores, celulares, PDAs, laptops, gera um novo e dinâmico espaço de veiculação das fotografias jornalísticas, que abastecem esse mercado online 24 horas por dia (MUNHOZ, 2005, p. 55).

Aliado à internet, o surgimento da fotografia digital colaborou para o desenvolvimento desenfreado da informação transmitida através da imagem considerando que a sociedade está em rede (CASTELLS, 1999). As câmeras eram cada vez menores, com uma maior quantidade de recursos técnicos para produção da imagem e ao mesmo tempo o barateamento do custo para a realização do processo, já que se abandonam os ultrapassados filmes por uma tecnologia mais barata com as câmeras digitais e seus preços reduzidos. Além disso, as fotos passam a ser transferidas para as redações com mais agilidade, o que ajudou consideravelmente na produção das matérias instantâneas.

Devido a essa multiplicidade de fatores que colaboraram para a reprodução imagética, as fotografias destinadas à imprensa passaram a ser analisadas com mais cautela para se tornarem visivelmente mais agradáveis, além de ajudar na adequação da linha editorial do meio de comunicação, contando com o auxílio dos recursos digitais nesse processo. Com isso a manipulação e a montagem se fizeram gradativamente mais presentes no cotidiano fotojornalístico, por isso é necessário delimitar até onde esse tipo de alteração não é antiética e não altera o objetivo principal da fotografia em questão: perpassar a informação com veracidade.

Manipulações fotojornalísticas

As alterações feitas em imagens surgiram bem antes do advento das tecnologias digitais e do surgimento e massificação dos softwares de edição. Os primeiros testes de manipulações fotográficas eram feitos ao manusear negativos, já era possível cortar

partes ou sobrepor outros negativos na imagem. Já os primeiros casos de manipulação digital em imagens tiveram início no final da década de 1980 e começo dos anos 90, em especial no EUA. As primeiras fotografias manipuladas publicadas tinham como alterações principais a inserção ou a ocultação de objetos ou pessoas, no intuito dos leitores compreenderem o fazer jornalístico por meio das perspectivas da linha editorial do meio comunicacional e melhor adequá-las a sua utilização.

A retirada de pessoas ou objetos no fotojornalismo também estava presente quando existia a necessidade da ocultação de supostos *merchandisings* na imagem. Como exemplo, em 1989, o ST. Louis Post-Dispatch apagou uma Diet Coke numa fotografia publicada justificando que não se deveria misturar publicidade com jornalismo (figura 1).

Figura 1 – Diet Coke



Fotografia Original



Fotografia Alterada

Fonte: Museum of Hoaxes⁷

⁷ Disponível em http://hoaxes.org/photo_database/image/the_disappearing_coke_can/ acesso em 14 jul. 2015

A forma como é tratada a imagem e seu objetivo muitas vezes dificultam a percepção do leitor para a detecção entre o que é real e o que foi alterado na fotografia. Os tipos de alterações feitas no fotojornalismo contribuem para esse processo, tendo em vista que o tratamento e a manipulação da imagem são conceitos distintos e que seguem, cada um, seus próprios interesses.

O tratamento de uma fotografia constitui na melhora da qualidade de sua imagem. É o uso da tecnologia disponível para clarear pontos escuros, ressaltar a luz e até alterar a saturação das cores, tornando-as mais fortes ou esmaecidas, dependendo do que se quer transmitir. Quando se trata uma imagem, a intenção não é alterar o seu conteúdo, portanto, as informações que fazem parte do quadro não são modificadas. (ALMEIDA; BONI, 2006, p.16)

O tratamento fotográfico fundamenta a aparente melhora da fotografia em si, são feitas alterações relacionadas à cor, contraste, luminosidade, brilho, saturação e nitidez dependendo do que se quer transmitir. A imagem é apenas tratada para que o leitor tenha uma melhor visualização do que o meio jornalístico quer transmitir, portanto, as informações que fazem parte da imagem original prevalecem (figura 2).

Figura 2 – Menina afegã



Figura original



Figura manipulada
Fonte: Steve McCurry

Ambas as fotografias possuem exatamente os mesmos elementos, nenhum objeto foi retirado ou acrescentado na imagem. A imagem 1 foi tratada mas a sua mensagem informativa não sofreu alterações significativas na imagem 2, foram feitos ajustes relacionados a cor, brilho, contraste, saturação, exposição, nitidez, entre outros para melhor percepção do leitor na fotografia, passando a melhorar a qualidade final para melhor percepção do leitor.

Já na manipulação imagética – no caso específico do fotojornalismo – ocorre a alteração de elementos que compõem a imagem. A interferência na realidade dos fatos é feita a partir da adição ou ocultação de elementos na fotografia dependendo da intenção de quem o manipula, ou seja, o que nunca esteve presente pode tomar forma, e o que existiu pode desaparecer na imagem. A manipulação da fotografia modifica a realidade e costuma ser eticamente condenada quando usada no fotojornalismo.

Na manipulação – no caso específico do fotojornalismo – existe interferência na realidade dos fatos. Elementos podem ser acrescentados ou excluídos, dependendo da intenção de quem a manipula. Neste caso, o real pode ser transformado em ficção. Ou seja, o que nunca existiu pode tomar forma, e o que estava presente no ato da captura da imagem, pode simplesmente desaparecer do quadro. (ALMEIDA; BONI, 2006, p.18)

Uma pesquisa publicada no livro *Les commissariat aux archives – Les photos qui falsifient l'histoire* e feita por Alain Jaubert, mostra que grandes políticos utilizaram a técnica da manipulação fotográfica nos negativos para exibir uma imagem distorcida de seu governo e se colocar em posição de triunfo e soberania perante o povo sobre o qual governava.

A esfera política foi um dos principais meios no qual a manipulação fotográfica se desenvolveu. Com a intenção de favorecer a imagem de um determinado governante e/ou persuadir a opinião pública, os meios comunicacionais utilizam deste recurso para transmitir a opinião de seu jornal e persuadir os seus leitores (figura 3).

Figura 3 – Manipulação na imagem dos mísseis



Foto original



Foto manipulada
Fonte: Portal Terra⁸

Como exemplo disso, temos o fato ocorrido em 2008, quando a imagem 1 provocou temor na comunidade internacional ao circular pela Agência France Press (AFP) no site Sepah News, mantida pela Guarda Revolucionária do Irã, responsáveis pelo lançamento, a fotografia mostrava um teste de mísseis iranianos capazes de transportar ogivas nucleares. No dia seguinte, a mesma Agência France Press divulga para a The Associated Press uma imagem muito semelhante, todavia com um míssil a mais. A imagem sofreu alteração e de acordo com o New York Times, a AFP se desculpou afirmando que a imagem foi “aparentemente alterada digitalmente” pela mídia estatal iraniana. Provavelmente para “cobrir um míssil que pode ter falhado durante o teste”.

A ética na pós-produção do fotojornalismo

Apesar da manipulação de fotografias não ser um processo que se desenvolveu junto da era digital, o surgimento de softwares especializados na pós-produção da fotografia e a possibilidade de realizar manipulações surreais com poucas chances de percepção ou provas da alteração fizeram com que a imagem perdesse certa credibilidade dentro dos meio de comunicação. Segundo Sousa (1998, n.p), “com os computadores,

⁸ Disponível em <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0..OI3000717-EI308.00-Agencia+foto+de+misseis+iranianos+foi+adulterada.html> acesso em 3 jun. 2015.

abrem-se portas à possibilidade de mentir (fotograficamente falando) de maneiras inimagináveis no passado.”

O jornalismo atual tem o desafio de encontrar mecanismos tecnológicos para a detecção de indícios de manipulação ou montagem⁹ nas imagens devido a quantidade de imagens que chegam às redações como colaboração em momentos cruciais como chuvas fortes, acidentes, atentados terroristas e outros acontecimentos que mobilizam as pessoas dentro do chamado jornalismo participativo.

Entretanto, a imagem fotográfica é também produto de um processo de construção e criação do fotógrafo, e um recorte da realidade de acordo com o olhar e a ideologia de seu autor. Desde a escolha do ângulo em que o objeto será fotografado, a omissão ou introdução de objetos no até o foco principal interferem no resultado final. A fotografia, portanto, sofre com a possibilidade de uma alteração na sua configuração própria e do contexto da realidade.

A fotografia se conecta fisicamente ao seu referente, - e esta é uma condição inerente a sistema de representação fotográfica – porém, através de um filtro cultural, estético e técnico, articulado no imaginário de seu criador. A representação fotográfica é uma recriação do mundo físico ou imaginado, tangível ou intangível; o assunto registrado é um produto de um elaborado processo de criação por parte de seu autor. (KOSSOY, 2009, p. 42-43).

Além disso, a utilização de softwares de edição da imagem tornou-se tão frequente e cotidiana – para o tratamento da foto e melhoramento da qualidade da mesma - que diversas redações espalhadas mundo afora adotaram manuais de redação, como o da Folha de São Paulo, do *Washington Post* ou no manual de redação da *Associated Press* – nos quais já pode-se encontrar recomendações a respeito da utilização de softwares para alterações básicas como saturação e brilho.

⁹ O jornalismo tem à disposição aplicativos que ajudam a verificar se determinada imagem foi montagem.
<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/aplicativo-analisa-se-foto-passou-por-montagem/41861>

Figura 4 – Softwares de manipulação de imagens

Fonte: Portal G1¹⁰

Em 2013, após o ataque terrorista durante uma maratona na cidade de Boston, o jornal Estadunidense *Daily News* estampou a capa para noticiar o acontecimento com uma imagem aparentemente manipulada. O caso repercutiu negativamente e o jornal não quis se pronunciar sobre, mas casos como esse ganham atenção por conterem alterações consideradas antiéticas, nos quais partes da imagem são retirados, ocultados ou até mesmo inseridos outros elementos. Em situações do gênero o ideal seria advertir o leitor das alterações feitas na imagem para garantir a integridade da informação.

Considerações finais

Desde os primórdios da fotografia e, posteriormente, do fotojornalismo, é possível observar diversas alterações feitas em imagens publicadas, desde questões técnicas até estéticas da fotografia. Seja para melhorar a qualidade da imagem, confundir o leitor ou

¹⁰ Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/midia-americana-aponta-possivel-manipulacao-de-imagem-em-jornal.html> acesso em 2 maio 2015

atrair o público para um determinado tipo de pensamento, uma coisa é certa: a fotografia possui alta relevância dentro de um texto, atribuindo um valor capaz de transformar todo e qualquer tipo de informação. A fotografia torna-se, dessa forma, um elemento com função essencial dentro do jornalismo moderno.

Com a consolidação desse pensamento fotojornalístico, as novas formas para inserirem melhor o leitor dentro do campo jornalístico foram se aprimorando, e é possível perceber que a fotografia evoluiu e continua a progredir nos dias atuais, tanto em termos técnicos quanto em acessibilidade. A facilidade com que pode-se utilizar o equipamento fotográfico e compartilhar uma determinada informação torna-se cada vez mais prática e, devido a isso, pode-se tornar um meio perigoso de disseminação de informação se não for utilizado com atenção.

A fotografia teve seu campo expandido e isso exigiu uma qualidade imagética que, com ajuda dos softwares digitais, pôde ser mais facilmente alcançada. Além disso, algumas exigências dos próprios veículos de comunicação fizeram com que essas imagens fossem modificadas a ponto de alterar a informação nelas contida, o que é considerado antiético e condenável já que o jornalismo deve ser.

Neste contexto, torna-se fundamental a discussão sobre a manipulação das imagens para fins escusos. A digitalização trouxe muitas vantagens para o jornalismo como velocidade, compartilhamento e manejo, entretanto a adulteração de fotos continua sendo uma questão central para se pensar na produção jornalística, principalmente no jornalismo para Internet em que a circulação das notícias e fotos é imediata.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Cláudia Maria Teixeira, e BONI, Paulo César. **A ética no fotojornalismo da era digital.** 2006, Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1477>> Acesso em 20 de Novembro de 2014

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia.** 3 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.



BORGES, Débora Rodrigues. **HISTÓRIA DO FOTOJORNALISMO**: Goiás: 2014. 33 slides, color. Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/1612683/>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: a Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v.1.

FOX, Robert. **Crônicas de um século de guerras**. Bergamo (Itália): H. Kliczkowski, 2003.

GOLZIO, Derval. **Fotografia e imprensa: breve itinerário sobre usos e tecnologias** / Derval Golzio. – João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica** / Boris Kossoy – 4. ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos, 2000.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. 1988, Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html> Acessado em 19 de Novembro de 2014.

MUNHOZ, Paulo César Vialle (2006), **Fotojornalismo, internet e participação: os usos da fotografia em weblogs e veículos de pauta aberta**, Salvador: Dissertação de mestrado

PEIXOTO, João Guilherme de Melo e JÚNIOR, José Afonso da Silva. **Produção e Pós Produção no Fotojornalismo Contemporâneo: o que muda com o digital?**. s/d, Disponível em<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peixoto-junior-producao-e-pos-producao-no-fotojornalismo.pdf>> Acessado em 20 de Novembro de 2014

PEIXOTO, João Guilherme de Melo. **Desafios para a edição no fotojornalismo contemporâneo**. 2011, Disponível em <http://www.academia.edu/8696669/Desafios_para_a_edi%C3%A7%C3%A3o_no_fotojornalismo_contempor%C3%A2neo> Acessado em 19 de Novembro de 2014

TERRA, Notícias. **Agência: foto de mísseis iranianos foi adulterada**. São Paulo, julho de 2008. Disponível em < <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI3000717-EI308,00-Agencia+foto+de+misseis+iranianos+foi+adulterada.html> > Acessado em 22 de Novembro de 2014